

Ex-Votos da comunidade de “Homens do Mar” de Vila do Conde e Póvoa de Varzim. Representações de embarcações, ambientes, trajas e devoções

Deolinda Maria Veloso Carneiro

O estudo dos ex-votos de mareantes, pescadores ou simples passageiros, que em horas difíceis se voltaram para os santos da sua devoção, abrem-nos uma janela “única” de investigação sobre o passado. Singular porque, em muito casos, estes personagens desapareceriam da história sem deixar outros vestígios documentais, além dos assentamentos de baptismo, casamento e óbito. Mas estes “invocantes” perpetuaram-se ao registarem em pintura (normalmente por encomenda a um pintor, mais ou menos hábil) o momento da sua suprema aflição e o milagre benevolente do santo que o salvou da angústia, fosse doença, acidente ou outro contratempo, revelando-nos aspectos únicos do traje, do tipo de embarcações, aprestos, ambientes das residências, mobiliário, retábulos religiosos, etc. A sua preocupação em relatarem com exactidão, por texto e por imagem, o “Milagre”, leva a que se representam com o máximo realismo os eventos, revelando quer aspectos da intimidade doméstica, quer as ondas alterosas que envolvem as embarcações.

De destacar são, ainda, as imagens cultuadas, bem como as capelas e igrejas a que pertencem. É evidente a preferência por devoções próximas em pequenos casos de acidentes domésticos, problemas com animais e doenças, de que encontramos alguns exemplos nas capelas e igrejas do Arciprestado. Em casos de doença grave, sem dúvida que a proximidade de uma imagem com fama de “milagrosa”, facilita a sua escolha. É o que podemos verificar com o *Senhor da Prisão*, da Misericórdia da Póvoa de Varzim, cuja localização ao lado do edifício do hospital, justifica um vultuoso número de ex-votos em que se divulgam curas milagrosas. Em casos de acidentes no Mar é, no entanto, mais frequente os mareantes e seus familiares invocarem santos “de longe”, o que justifica, depois, a deslocação de toda a família em romaria. O ditado de diz que: - “Santos da casa não fazem milagres”, é evidente sobretudo nas maiores aflições, como as tempestades no mar. Encontramos algumas das mais antigas representações conhecidas de “Lanchas poveiras” (século XVIII) no distante santuário de Nossa Senhora da Abadia, em Amares, a par de fotografias das lanchas já no século XX.

A qualidade das representações pictóricas é muito variável, no entanto, possibilitam-nos recolher informações originais que permitem desenvolver estudos que envolvem: as devoções características da comunidade e as romarias a que tradicionalmente ia; os trajas usados pelos diferentes “grupos”, bem como o mobiliário, têxteis domésticos; os tipos de embarcações e meios de transporte; as doenças mais temidas e a história local - que se reflecte nos problemas referidos (homens recrutados para a guerra, prisões de membros do clero, etc).

Exemplar da importância dada a estas humildes formas de arte (por parte de investigadores, particularmente por antropólogos e etnólogos da primeira metade do século XX)

foi a recolha de ex-votos pintados e esculpidos para a “Sala das Crenças e Religiosidade” do Museu de Etnografia da Póvoa de Varzim. Curiosamente, além de solicitarem a doação dos ex-votos provenientes do concelho, trataram de reproduzir, através de fotografias, aqueles que representavam Lanchas e outras embarcações - apesar de pertencerem a santuários distantes - para “documentarem” este aspecto da etnografia marítima.